

# Que falta faz pessoas competentes

*Parece que todos no Brasil voltaram a administrar preços, esquecendo-se da eficiência e da produtividade*

J. G. VANTINE

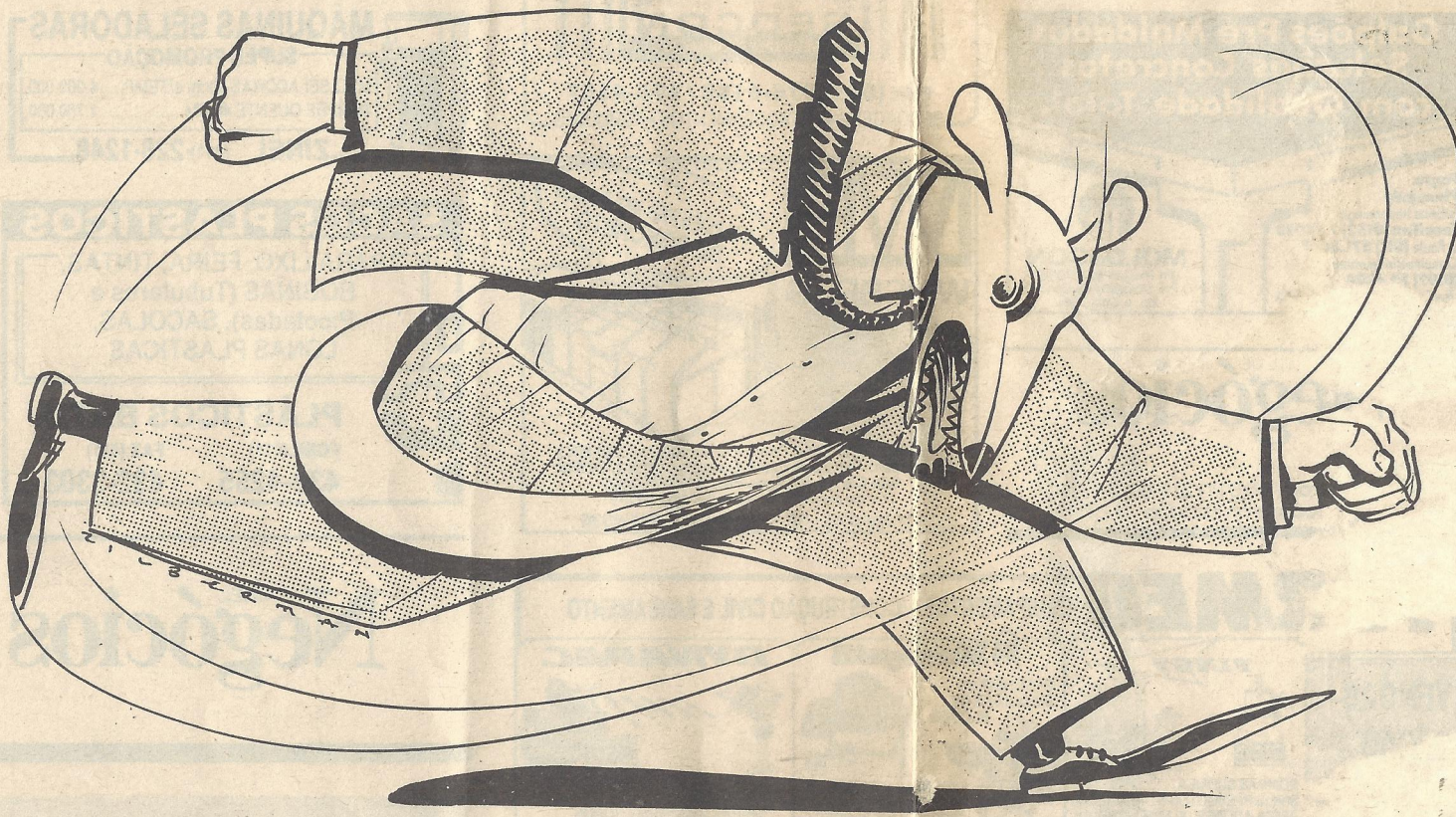
O binômio competência-gerência explica todos os graves problemas que afetam o País atualmente. Das empresas ao presidente da República, o Brasil voltou a insistir apenas em administrar preços. Não se houve falar em eficiência, produtividade, redução de custos.

No Brasil, o Preço de Venda de um produto é igual ao seu Custo mais o Lucro, ou seja,  $Pv = C + L$ . Nas economias modernas essa equação já mudou. Lá, se fala em custo e a expressão fica assim:  $C = Pv - L$ .

Os termos da expressão são os mesmos, mas há uma megadistância entre as duas realidades. Mais do que uma distância, existe diferença de cultura, ética, de competência e profissionalismo. Por aqui, como iniciativa privada e governo mantêm historicamente uma ligação incestuosa, que só serve para incentivar cartéis e oligopólios, amarrando o desenvolvimento econômico e social do País, fica mais fácil o empresário pegar o avião e desembarcar em Brasília. Claro, para discutir preços.

O desempenho empresarial brasileiro passa ao largo da tecnologia, evolução cultural, sistemas gerenciais e uma série de outras preocupações que levariam direto à batalha de buscar sempre o custo menor e a maior qualidade. Administrar custo é sinônimo de competência; investir na ponta do preço é afundar a cabeça na terra.

Governo e iniciativa privada perderam a década de 80 gastando em programas de produtividade voltados unicamente para a produção, quer dizer, projetos confinados às quatro paredes de uma fábrica. A indústria não se preocupou com tecnologia de processo, qualidade total na empresa como um todo, não se preocupou com a sua modernização cultural. Também deixou



para melhorar o resultado final. Enfim, não se conseguiu entender que produtividade significa lucratividade.

O governo montou um programa de produtividade e qualidade e qual foi o resultado efetivo, qual o benefício? Nenhum. Foram dois anos jogados fora. Governo e empresa são na verdade pessoas. E se há graves problemas hoje nesses dois setores é porque não existe competência das pessoas. A explicação para isso é simples: a gestão interna não se modernizou, não se adaptou ao dinamismo das mudanças de um mundo cada mais global. Essa mesma gestão interna não olhou o mercado e, pior do que isso, está usando ferramentas modernas em ambientes arcaicos,

para melhorar o resultado final. Enfim, não se conseguiu entender que produtividade significa lucratividade.

lidade e administração de pessoal, ao invés de varrer toda a empresa. A competência não é hereditária, as pessoas não a herdam. Competência adquire-se. Infelizmente, no Brasil, o treinamento, que leva à competência, é uma atividade encarada como despesa e não investimento. A falta de competência faz com que tudo custe mais caro, por não se fazer bem da primeira vez. Como aumentar a produtividade de um jornal, de uma empresa municipal de ônibus, de um grande hospital ou de um banco? Tudo isso é possível, quando se entende que produtividade é sinônimo de lucratividade e que o caminho a ser percorrido é o da competência.

nível horrível — com 30% não se enxerga nada. Então, fica mais cômodo para o empresariado pegar o avião e desembarcar em Brasília para discutir no gabinete os aumentos de preços, do que melhorar o desempenho de seu pessoal. Não se vê um empresário falar: “O mercado paga x pelo meu produto, eu quero ter y de lucro e vocês executivos mexam-se para manter esse preço x”.

Isso não ocorre porque o Brasil é um País sem concorrência, é uma nação cartorial que vive a utopia de megaprojetos, sem ter uma linha seqüencial, por não dispor de políticas estruturadas. O Brasil está como o cachorro correndo atrás do rabo.